

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO INFANTIL: AUSÊNCIA DE AFETIVIDADE COMO FATOR DETERMINANTE

LEARNING DIFFICULTIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: ABSENCE OF AFFECTIVITY AS A DETERMINING FACTOR

Genildo Flor da Silva¹

Kleyton Holond de Lima Rocha²

Gilvana Maria Monteiro da Silva³

Mozart José Melo dos Santos⁴

José Carlos Vanderlei da Silva⁵

Almir da Silva Lima⁶

Maryone Cristina Sousa⁷

Roselândia do Nascimento Prado⁸

Gisélia Pinho Neto⁹

Joselma da Silva Costa¹⁰

Resumo: O presente artigo tem como objetivo abordar conceitos relacionados às dificuldades de aprendizagem no Ensino infantil refletindo sobre o fator determinante dessas dificuldades que é a ausência de afetividade como ela é capaz de influenciar no processo ensino aprendizagem. Portanto, o objetivo

1 Doutorando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

2 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

3 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

4 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

5 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

6 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

7 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

8 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

9 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

10 Mestrando em Ciências da Educação pela VENI Creator University.

fundamental deste trabalho é analisar as dificuldades de aprendizagem e a importância da afetividade durante o aprendizado no processo de construção do conhecimento. As abordagens e os teóricos sobre a afetividade determinam a atitude sobre o afeto em sua experiência vivida. Por isso, a afetividade torna-se importante na formação integral do ser humano, pois possibilitam diversas maneiras de agir em diferentes situações da aprendizagem, afirmando o modo de relação do indivíduo interagir e perceber o mundo que o rodeia. Não esquecendo que à escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se à base da aprendizagem se oferecer condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida. Assim, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, e conseqüentemente no social, é necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Afetividade; Aprendizagem escolar; Ensino-aprendizagem.

Abstract: This article aims to address concepts related to learning difficulties in Early Childhood Education, reflecting on the determining factor of these difficulties, which is the absence of affection as it is capable of influencing the teaching-learning process. Therefore, the fundamental objective of this work is to analyze learning difficulties and the importance of affectivity during learning in the process of knowledge construction. Approaches and theorists about affectivity determine the attitude about affectivity in its lived experience. Therefore, affectivity becomes important in the integral formation of human beings, as they enable different ways of acting in different learning situations, affirming the individual's way of interacting and perceiving the world around them. Not forgetting that at school, as it is the first socializing agent outside the child's family circle, it becomes the basis of learning to offer possibilities to make the child feel safe and protected. Therefore, for the child to have a healthy and adequate development within the school environment, and consequently in the social environment, it is necessary to establish positive interpersonal relationships, such as facilitation and support, thus

enabling the success of educational objectives.

Keywords: Child development; Affectivity; School learning; Teaching learning process.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está focado nos estudos acerca dos problemas ou dificuldades de aprendizagem no Ensino infantil e a afetividade no processo ensino aprendizagem, portanto, neste artigo faz-se necessário a definição de ambos: As dificuldades de aprendizagem são de fato difíceis de serem compreendidos, principalmente por serem de causa multifatorial. No entanto, para se avançar na compreensão do não aprender, um primeiro passo é olhar para a criança em sua totalidade afetiva e cognitiva, conforme sugere as teorias, ao considerar a afetividade e cognição como aspectos inseparáveis, irreduzíveis e complementares da conduta humana (SOUZA, 2003).

Por isso, a afetividade é compreendida como aspecto inseparável das relações cognitivas dos escolares, do ensino aprendizagem e das vivências pedagógicas vividas pelos professores. Embora essa afirmação seja consensual entre os estudiosos da atualidade, encontram-se mais estudiosos de cunho teórico que empírico a esse respeito (SOUZA, 2003).

Para Oliveira (2001) no âmbito escolar, principalmente no que se refere à aprendizagem, ainda se encontram concepções que privilegiam um aspecto em detrimento de outro, como se o aluno pudesse ser separado em duas áreas: a afetiva e a cognitiva. Essa visão restrita influencia na compreensão que se tem sobre a aprendizagem e sobre as dificuldades de aprendizagem.

A afetividade é um elemento valioso para se conhecer as diferentes razões que impõem limitações de aprendizagem em crianças aparentemente saudáveis e normais. Para melhor entendimento do valor afetivo na contemporaneidade, fez-se necessário buscar pressupostos teóricos que servissem de base para fundamentar efetivamente a realização deste artigo, a fim de compreender as dificuldades de aprendizagem como um fator relacionado à ausência de uma sustentação afetiva, como sintoma facili-

tador no processo ensino aprendizagem.

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS PROBLEMAS EMOCIONAIS

Até recentemente, a escola se ocupava, do ponto de vista formal, apenas das áreas denominadas acadêmicas. Inclusive se pode dizer que fazia isso sem maior preocupação com os alunos com dificuldades de aprendizagem, porque, ao fim e ao cabo, a essência de sua função era ensinar e avaliar com o objetivo de classificar e selecionar os alunos. Os alunos com dificuldades gerais e dificuldades específicas de aprendizagem eram levados a outras escolas especializadas em seu problema ou faziam parte do numeroso grupo de fracassados dentro do sistema escolar.

A primeira dessas razões é que um número significativo de alunos com dificuldades de aprendizagem tem, ao mesmo tempo, dificuldades emocionais, sociais e de conduta. Por essa razão, o Comitê Nacional Conjunto sobre Dificuldades de aprendizagem (National Joint Committee of Learning Disabilities) incluiu, na definição de problemas específicos de aprendizagem, as deficiências em habilidades sociais.

A segunda razão são as pesquisas que questionam o valor explicativo do QI no momento de entender o rendimento da vida real.

As dificuldades e os atrasos na aprendizagem não são decorrência da falta de habilidades intelectuais, comunicativas ou afetivas do aluno, mas é o resultado das interações entre suas características pessoais e os diferentes contextos nos quais o aluno se desenvolve, especialmente a família e a escola. Por essa razão, a escola tem uma responsabilidade importante nos problemas de aprendizagem que se manifestam nela.

Em geral, e de maneira muito resumida, a causa das DAs costumam ser atribuída a condições intrínsecas da pessoa que apresenta as DAs (por exemplo, a herança, a disfunção cerebral mínima, ou atrasos maturativos); circunstâncias ambientais nas quais se dá o desenvolvimento e/ou aprendizagem (como, por exemplo, ambientes familiares e educativos pobres, projetos instrucionais inadequados, etc.)

e a uma combinação das anteriores em que as condições pessoais são influenciadas – de forma positiva ou negativa, conforme os casos – pelas circunstâncias ambientais.

Desse modo, é possível situar as diferentes formas de conceber as Das em um contínuo pessoa-ambiente, conforme se acentuem mais ou menos as variáveis pessoais ou as ambientais na origem da dificuldade.

O ser humano não pode ilhar-se, necessita viver e participar da vida em sociedade, em grupos, para se perceber enquanto ser humano. Nesse contexto à luz da perspectiva sócio-histórico-cultural, muito se tem debatido sobre os problemas ou dificuldades de aprendizagem. As queixas vão desde a evasão ao fracasso escolar, porém o mais polemizado é a dificuldade no processo ensino aprendizagem.

DEFINIÇÕES SOBRE AFETIVIDADE

Segundo o dicionário técnico de Psicologia (CABRAL e NICK, 1999), “afetividade é um termo utilizado para designar e resumir não só os afetos em sua acepção mais estreita, mas também os sentimentos ligeiros ou matizes de sentimentos do agrado ou desagrado”.

No dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está definido da seguinte forma: “Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Portanto, a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influências decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

AFETO E EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola é o primeiro contato que a criança tem com a sociedade, com outras crianças e um

adulto que não seja os pais, as pessoas se constituem a partir da interação com o outro. A relação entre o professor e o aluno é um fator importantíssimo no processo educativo e no processo de ensino aprendizagem. A escola é o lugar onde a criança conhece elementos culturais formados ao longo da história. É também o espaço onde ocorrem relações interpessoais. O professor é o principal responsável em harmonizar e administrar esta interação, para que a criança seja adotada de autoestima, segurança e confiança, para que seu aprendizado seja facilitado.

O ato de educar não deve basear-se apenas na transmissão de conteúdos, mas visar à formação da criança como sujeito. Este sujeito deve ser completo e não pode ser fragmentado. Sua educação deve garantir o seu desenvolvimento em todos os seus aspectos. Deste modo, fazendo-se necessário que o educador busque ver seu ato educativo possibilita o crescimento da criança em todas as suas especificidades: físico, mental, intelectual, social e afetiva.

A AFETIVIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

As três principais emoções que exercem ações na sala de aula são: o medo demonstrado através de situações novas como responder alguma atividade, apresentar algum trabalho etc.; a alegria, que traz inquietação, também pode trazer entusiasmo para a realização das atividades; e por último a cólera, que tem o poder de expor o professor diante da classe trazendo desgastes físicos e emocionais.

A relação da afetividade com o processo ensino e aprendizagem fala sobre o desenvolvimento da criança através da interação infantil, pois o professor competente poderá organizar uma ação adequada para as reais necessidades dos seus alunos. A relação a afetividade com o desenvolvimento cognitivo, mostrando a responsabilidade dos educadores em contribuir na formação da personalidade da criança. Tornando-se por base as pesquisas do psicólogo francês Henri Wallon que propõe analisar a relação entre pais e filhos – professores e alunos na construção do conhecimento. Uma educação entre professores e alunos que não aborde a emoção na sala de aula como a afetividade traz prejuízos para a ação pedagógica, pois podem atingir não só o professor, mas também o aluno. E se o professor não

souber lidar com crises emocionais isso poderá provocar desgastes físico e psicológico. As crianças aprendem que a questão não é evitar inteiramente possíveis conflitos, mas resolver discordâncias e ressentimentos antes que se torne em briga aberta.

As primeiras aprendizagens das crianças ocorrem na primeira relação com a mãe (primeiras palavras, gestos...). Nesta relação a criança constrói seu estilo particular de aprendizagem, que sofrerá modificações à medida que a criança se relaciona com outros contextos. Segundo Almeida (1999, p. 48), cada estágio da afetividade, quer dizer as emoções, o sentimento e a paixão, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação.

Portanto, quanto mais habilidades se adquirem no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade. Assim muitas crianças sofrem no primeiro dia de aula e outras não, muitas vezes os professores não são compreensivos e isso faz com que os alunos não aprendam a matéria prejudicando-os futuramente. São várias coisas que podem atrapalhar a vida escolar, as crianças que não são disciplinadas e só fazem o que tem vontade, deixando assim os seus deveres escolares, outras vezes, os pais só querem cobrar dos filhos fazendo ameaças e isso faz com que a criança não se lembre de tudo que estudou.

As crianças também podem ter dificuldades em manter a concentração pensando na ameaça dos pais, nas brigas. Os problemas de aprendizagem como leitura e escrita podem ser causas, sinais e evidências de um processo educacional que está desarticulado ao longo de sua evolução histórica, sendo necessário um resgate do processo de ensino aprendizagem, deixando aos educadores e aos pais a incapacidade de entender tais problemas como a leitura e a escrita. Desta forma, é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores e estados emocionais que devem ser elevados em conta no contexto de sala de aula (ALMEIDA, 1999).

Para Bossa (2000, p. 18) sabemos que os sentidos das aprendizagens, é único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os fatores afetivos e emocionais que podem impedir o investimento energético necessário às aquisições escolares. Existem dois fatores principais que interferem na aprendizagem, impossibilitando o fluxo normal do processo de aprender: primeiro são os fatores inter-

nos de ordem orgânico ou psicológico (devem analisar a história da criança, incluindo a avaliação de sua estrutura familiar, para que se possa identificar como a aprendizagem é significada por este grupo). E o segundo são os fatores externos ligados à metodologia de ensino, as condições socioeconômicas e ainda aos recursos do educador. A dificuldade de aprendizagem é resultante de conflitos que se encontram diretamente relacionado à metodologia pedagógica, ao sistema de ensino e, ainda, ao vínculo que o sujeito estabelece com a escola, bem como os professores, pais e sociedade.

Cabe a instituição escolar contribuir para que a criança integre seu convívio na sociedade, de outro lado a escola deve ajudar a família a solucionar o problema dos seus filhos, reintegrando a imagem que se tem deles. Algumas vezes sendo necessário encaminhamento a profissionais especializados como psicólogos ou psicopedagogos. A escola, o educador e a família devem, pois, ser testemunhas da possibilidade do conhecimento.

Segundo Almeida (2003), Wallon apresenta três pontos básicos para que a educação sirva de instrumento para a consolidação dessa construção. O primeiro deles diz respeito à ação da escola que, segundo Wallon, esta não se limita a instituição, mas se dirige à pessoa inteira do aluno, devendo servir de instrumento para o desenvolvimento da criança em suas dimensões cognitivas, afetiva e motora. O segundo ponto refere-se à ação docente, que deve ser fundamentada no conhecimento acerca do desenvolvimento psicológico da criança, pois só assim, o professor poderá ser capaz de compreender as suas reais necessidades e possibilidades.

O terceiro e último ponto diz respeito à importância do meio físico e social para a realização da atividade da criança e seu desenvolvimento. Embora na escola a responsabilidade maior seja com a transmissão e a construção do conhecimento, as relações afetivas são bastante evidentes, pois, a transmissão do conhecimento implica sempre uma interação entre pessoas, e é com base nisso que Almeida (1999) considera que na relação professor-aluno, há uma relação de pessoa para pessoa, portanto, o afeto está presente.

A escola que cria um clima de afeto, simpatia, compreensão, respeito mútuo e democracia, ou seja, um lugar onde todos compartilhem suas experiências e opiniões proporciona o envolvimento de

todos os segmentos que dela fazem parte. Esta relação afetiva constitui incentivo para o desenvolvimento da aprendizagem cognitiva.

A COMPREENSÃO DO INDIVÍDUO COMO UM SER EMOCIONAL

Acreditamos que todo ser humano, independente de possíveis imperfeições físicas, emocionais e mentais, possui dentro de si uma energia capaz de mobilizar forças inimagináveis que o auxiliam a superar os obstáculos na vida. Descobrir e desenvolver esta força não são tarefas fáceis ao adulto.

Para Dantas (1992), a criança, na fase dos três a seis anos, quando está iniciando a formação do caráter, fica muito mais fácil mostrar a relação com o adulto e que ela pode fazer uso dele sempre que for necessário. A facilidade de acesso a este poder que determinados seres humanos têm e que outros não tiveram a chance de desenvolver que nos faz diferentes. Estamos acostumados a receber saberes dependentes, pois nossos pais e professores nos ensinaram as leis que regem o mundo segundo sua ótica, esquecendo-se de que cada ser humano pode ter uma visão diferente sobre os mesmos assuntos. Todos os sistemas sociais, políticos e econômicos estão fundamentados em experiências de alguém, portanto, revelam a visão de mundo individual.

A partir desta concepção, podemos afirmar que ter a capacidade de observar, saber ouvir, analisar cada acontecimento sob sua própria ótica e chegar a conclusões que outros ainda não tiveram são poucos os que estão preparados. Ainda que assim estejam preparados, precisa saber falar, diversificar as formas de expressão, argumentar sem competir e desafiar a si mesmos, buscando fazer cada vez melhor, ao invés de competir com os outros.

Muitos autores, entre outros, vêm defendendo que o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

Algumas entre outras também vêm contribuindo para a discussão da relevância da dimensão afetiva na constituição do sujeito e na construção do conhecimento.

Tendo como pressupostos básicos as teorias de Wallon e Vygotsky (OLIVEIRA, 1992), tais pesquisas, em linhas gerais, buscam identificar a presença de aspectos afetivos na relação professor-aluno e as possíveis influências destes no processo de aprendizagem.

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Conforme Wallon, (1968, apud Oliveira, 1992) é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A possibilidade de representação, que, conseqüentemente implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade e moderação.

Conforme Dantas (1992) pode-se observar que, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo.

Segue-se a autora que, através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, em que a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é ainda através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. São os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos.

Portanto, o conhecimento do mundo objetivo é feito de modo sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar. Uma das maiores modificações no desenvolvimento biopsicossocial do homem é o nascimento. Começamos a nos dar valor a partir do nascimento, geralmente por meio do que as pessoas nos dizem a respeito de nós mesmos. As crianças traduzem o que ouvem para si e escolhem do ambiente qualquer coisa que reforce o que ouviram.

Segundo Oaklander (1980, p. 310), “a forma como percebemos e valorizamos a nós mesmos determina em grande medida a forma como nos comportamos, como lidamos com nossa vida, como

nos conduzimos?”. Assim, uma criança que cresce ouvindo mensagens negativas a seu respeito terá uma baixa autoestima, ao passo que uma outra que cresce ouvindo mensagens positivas a seu respeito terá outras reações, que permitirão que tenha contato com seu próprio potencial e se lance no processo de explorar e descobrir as coisas do mundo. Deste modo, a família exerce muita influência sobre o comportamento infantil, expresso nos valores pessoais, nas atitudes sociais e na conduta da criança. Uma família pode despertar o desejo de aprender ou para o desinteresse, a apatia. De acordo com Maldonado:

Educar filhos é tarefa complexa: cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que eles exigem em termos de mudança de padrões de conduta e de atendimento às necessidades e solicitações dos filhos. A arte de educar consiste, sobretudo, na possibilidade de os pais crescerem junto com cada filho, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebezinho para a crescente autonomia e independência do filho quase adulto. O local onde vive a criança é importante para o desenvolvimento intelectual e emocional, sendo tarefa das famílias propiciarem um ambiente estimulador para o pleno desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. (MALDONADO, 1981, pág. 9).

O ambiente familiar deve possibilitar elementos estimuladores a ela para que desenvolva todo o seu potencial. Segundo Maldonado (1981, p. 114), “modificar o ambiente atua também no sentido de favorecer o desenvolvimento da autonomia”. Sendo assim, criaremos uma criança capaz de assumir e decidir por si só o que deseja alcançar em determinados momentos.

Segue o autor que, em locais com estimulação restrita, a criança pode não atingir um desenvolvimento adequado. Ela poderá apresentar defasagens em relação às crianças de sua idade. Assim, crianças criadas em ambientes monótonos e sempre sozinhas em seu berço, na penumbra, com pouca oportunidade de verem e ouvirem pessoas falando com elas, terá seu desenvolvimento prejudicado. Afetividade, apoio e cuidados dos pais são comportamentos decisivos para o desenvolvimento da maturidade, da independência, da competência, da autoconfiança, da autonomia nas futuras decisões e das responsabilidades. O amor é fator essencial para assumir a missão de decidir por eles. A criança, quando sente que é aceita, compreendida, valorizada e respeitada, tem grandes possibilidades de se

desenvolver bem em seus estudos. Sabemos que a aprendizagem não se dá apenas no plano cognitivo. Além da inteligência, ela envolve aspectos orgânicos, corporais, afetivos e emocionais.

Para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, é necessário que todas essas funções estejam em perfeita harmonia e equilíbrio. Na sua psicogenética, Wallon defende os aspectos afetivos, pois é de fundamental importância para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento pleno do ser humano. (WALLON, 1968 apud DANTAS 1992).

Segundo Alencar (1993), a família é a primeira, a mais importante instituição educadora na vida da criança. É fundamental que os pais assumam sua responsabilidade, enquanto orientadores que são dentro do lar, conversem, orientem e ouçam seus filhos, para que eles aprendam com seus familiares de forma descontraída. A escrita não é um produto escolar, mas um produto do esforço coletivo da humanidade para representar a linguagem. A postura da família pode facilitar a aquisição da leitura e da escrita, mas é importante lembrar que todos os alunos, mesmo os provenientes de lares cultural e economicamente marginalizados, aprendem a ler e a escrever se lhes forem dados o tempo e as condições.

Wallon (1968, apud ALMEIDA 1997, p. 51), destaca que, “a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”.

Vygotsky defende que o pensamento:

Tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. (VYGOTSKY, 1968, apud OLIVEIRA, 1992, p. 76).

Oliveira (1992) afirma, ainda, que o conhecimento do mundo ocorre quando desejos, interesses e motivações se aliam à percepção, à memória, ao pensamento, à imaginação e à vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros.

Estas reflexões feitas por Vygotsky possibilitam destacar a imensa complexidade que envolve

o desenvolvimento das emoções humanas e afirmar que tal desenvolvimento está em harmonia com a própria distinção que faz entre processos psicológicos superiores e inferiores e sua concepção de desenvolvimento cognitivo. Defende que as emoções não deixam de existir, mas evoluem para o universo do simbólico, entrelaçando-se com os processos cognitivos.

O desenvolvimento da autoestima infantil é auxiliado por pais cuja própria autoestima é elevada, que são calorosos e receptivos, interessados nas atividades das crianças, que encorajam a autonomia sem serem excessivamente exigentes.

Na desestruturação dos laços familiares, a criança pode ser levada a desenvolver sintomas. Piaget considera que a criança está tentando compreender o seu mundo através de um relacionamento ativo com pessoas e objetos. A partir dos encontros com acontecimentos, a criança vai se aproximando, num ritmo consistente do objetivo ideal que é o raciocínio abstrato, no campo das ideias.

Conforme Alencar (1993), ainda que pense os problemas familiares enfrentados pela criança, como o resultado de um conflito interno entre a vida instintiva, o superego se torna mais exigente, realizando esse amadurecimento mais preocupante porque a criança está muito longe de desprender-se dos primeiros objetos amados. A intensidade dos conflitos se dará, além da gravidade da situação através dos traços da personalidade. Segundo Mahoney:

A criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser. (MAHONEY, 1993, p. 68).

Portanto, a qualidade das interações que ocorrem em sala de aula, incluindo todas as decisões de ensino assumidas, refere-se a relações intensas entre professores e alunos, proporcionando diversificadas experiências de aprendizagem, a fim de promover o desenvolvimento dos mesmos. Como destaca Oliveira (1992, p. 80), “o processo pelo qual as crianças vão se apropriando dos objetos culturais ocorre a partir das experiências vividas entre as pessoas à sua volta”. Essa passagem do nível interpsicológico

(entre as pessoas) para o nível intrapsicológico (no interior do próprio sujeito) envolve, assim, relações interpessoais densas, mediadas simbolicamente, e não trocas mecânicas limitadas a um patamar meramente intelectual.

Ausubel (1968 apud ALMEIDA, 1997) apresenta a questão da decisão sobre o ponto de partida do ensino de forma muito clara. Primeiramente, que a Psicologia da Educação se reduz a um único princípio, estaria ligada a aspectos que influenciam a aprendizagem e o mais importante consiste na bagagem do aluno. Juntamente com esse princípio, o autor propôs o conceito de aprendizagem significativa, que implica o relacionamento entre o conteúdo a ser aprendido e aquilo que o aluno já sabe. Isso significa que planejar o ensino a partir do que o aluno já sabe sobre o objeto em questão, aumenta as possibilidades de se desenvolver uma aprendizagem significativa, marcada pelo sucesso do aluno em apropriar-se daquele conhecimento.

Desde a infância, é possível plantar suas sementes e colher seus frutos, estabelecendo vínculos perenes que, mesmo esmaecidos em nossa consciência, permanecem eternos em nossa memória emotiva. É nessa fase que compartilhamos a pureza infantil e descobertas significativas que fazem dessa época um advento único em nossa história pessoal.

Da infância em diante, é dedicado um aprendizado que inclui o entendimento dos olhares cúmplices, a linguagem afetuosa, o desejo constante do bem-estar físico e emocional, enfim, adquire os elementos que favorecem uma vida plena e feliz.

Um dos aspectos a abordar é a percepção da ausência deste vínculo afetivo entre educador e educando, causador, muitas vezes, de fracasso escolar. Outro fator importante e primordial é a influência da família na aprendizagem e na formação do indivíduo como ser social. Neste contexto, não podemos esquecer da escola que, além de exercer sua função essencial que é a de mediar o conhecimento para novas gerações e apropriação da cultura acumulada pela humanidade, deve ser, acima de tudo, um lugar prazeroso e de alegria, onde o educando possa vivenciar relações que o ajudem a desenvolver-se como pessoa, cidadão constituído sócio-histórico culturalmente como um ser pleno a ser respeitado e que deseja profundamente ser feliz.

Na relação entre educador e educando, deve-se buscar a compreensão e a aceitação mútua, no respeito, na amizade, no amor, na troca de informações e no diálogo, base de um bom aprendizado. Os educadores são como as velhas árvores, possuem uma face, um nome, uma história a ser contada. Habitam um mundo em que o valor é a relação que os liga aos alunos. Como nos coloca Alves, (1985, p. 62), “e a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso que se estabelece a dois. Espaço artesanal”.

Segundo Gatti (1991), o trabalho com crianças requer sensibilidade do educador e uma investigação de como cada criança aprende, estendendo essa visão para as habilidades e dificuldades de cada uma delas. Assim, é importante que o educador construa um perfil de turma, para conhecer os alunos e saber por onde começar o seu trabalho, partindo da realidade de cada um. Motivar com uma palavra amiga, um olhar, um sorriso, um toque, muitas vezes traz de volta as crianças que, devido a sua origem cultural, estão desgastadas pelo sofrimento de descaso. Muitas necessidades emocionais das crianças deveriam receber prioridade para facilitar a situação de aprendizagem.

Freire (1983, apud RIBEIRO 1992) coloca-nos a ideia de que o professor não precisa gostar de todos os alunos da mesma maneira só porque é professor. Mas tem que ser autêntico, selar seu compromisso com os educandos, respeitando o ser humano que há em cada um. Por isso, o educador, ao manifestar interesse pelos sentimentos e pela vida da criança, bem como oferecer possibilidades para a própria criança se expressar, pode auxiliar na construção de um ser mais seguro e autônomo. Ela necessita aprender a valorizar suas ideias e percepções e saber confiar nelas.

Continua Gatti (1981) que, a criança que tiver como professor alguém sensível aos seus questionamentos e anseios e que lhe proporcione experiências escolares gratificantes, certamente terá maiores chances de enfrentar o amanhã como um verdadeiro desafio à sua inteligência, criatividade e emoção. Ao educador que trabalha com criatividade, caberá o prazer de ter crescido junto com o aluno, de forma quase despercebida, por meio de uma intensa e feliz relação interpessoal. Para que tudo isso ocorra, o educador precisa estruturar sua prática em conhecimento por meio de como a aprendizagem se processa, considerando a individualidade de cada um.

Portanto, a aprendizagem ocorre pela atividade individual, pela experiência do indivíduo no mundo em que está inserido. A educação, entretanto, ultrapassa a simples aprendizagem e, para acontecer, requer a vida social, o trabalho coletivo. Na sala de aula, a educação resulta da convivência social dos alunos entre si e com o professor.

Somente o diálogo possibilita a educação para a liberdade e a formação de pessoas capazes de participarem criticamente na construção de um mundo mais justo, como sujeitos de sua história.

Da mesma forma que o ser humano nasce, passa pela infância e adolescência até atingir a idade adulta, a criança apresenta fases ou níveis de desenvolvimento na construção do pensamento em relação à língua escrita. Desse modo, o educador que trabalha com essa fase precisa conhecer como ocorrem esses níveis e como pode fazer a mediação para que a criança avance cada vez mais, além de perceber a importância da afetividade no processo de construção desse saber.

Segundo Wallon (1971, p. 255), “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos”. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional. Wallon dedicou grande parte de seu trabalho ao estudo da afetividade, adotando, além disso, uma abordagem fundamentalmente social do desenvolvimento humano. Busca, em sua psicogênese, articular o biológico e o social. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma desordem entre o social e o orgânico.

As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que ao nascer não as tem. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e seu entourage. (WALLON, 1971, p. 262)

Wallon estabelece uma distinção entre emoção e afetividade. Segundo o autor, as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com os componentes orgânicos. Contrações musculares ou viscerais, por exemplo, são sentidas e comunicadas por meio de choro, significando fome ou algum desconforto na posição em que se encontra o bebê. Quando falamos de afeto, de carinho, nos entendemos

a uma concepção mais ampla, envolvendo uma grama maior de Vygotsky, defende que o pensamento:

Tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações necessidades, interesses, impulsos, afeto emoção. Nesta esfera, estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. (VYGOTSKY, 1998 apud DANTAS, 1992, p. 76).

Ainda afirma Vygotsky (1988, apud DANTAS, 1992), que o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando desejos, interesses e motivações se aliam à percepção, memória, pensamento, imaginação e vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros. Observa-se que, em se tratando da afetividade, Wallon e Vygotsky têm muitos pontos em comum. Ambos assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para a mesma, demonstrando, cada um a sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto, de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Da mesma forma, defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente. No decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental para que a criança acesse o mundo simbólico também da alfabetização, como veremos a seguir.

Segundo Ferreira (1992, p.35), “entre o olho que vê e a mão que não escreve, existe uma cabeça que pensa”. Nas sociedades modernas, ensinar a ler e a escrever é, em princípio, uma tarefa da escola. Todavia, na tentativa de buscar explicações para o sucesso ou fracasso escolar, estudos recentes têm destacado que a escola não é o único lugar onde o ensino e a aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1988, p. 122), “quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender a escrever em tempo relativamente curto”.

É fundamental, também, que os educadores conheçam um pouco do histórico da criança e,

além disso, tenham conhecimento de como essa aprendizagem pode ser construída pelo educando para, a partir desses dados, trabalharem seus diferentes contextos. Emília Ferreiro trouxe uma grande contribuição para a educação, quando teorizou sobre a aquisição da leitura e da escrita, dando continuidade aos estudos de Piaget sobre o sujeito epistêmico.

Para Ferreiro (1992), as crianças são facilmente alfabetizáveis. A construção desse conhecimento não é um processo linear, mas um processo com períodos preciosos de organização e reorganização, para cada um dos quais existem situações conflitivas que podem-se antecipar. O maior desafio que precisa ser enfrentado pelas crianças como um conhecimento a ser descoberto é perceber que este recurso é fundamental em sua vida diária. É de suma importância o papel dos profissionais da educação. Porém, é a família que pode, em primeiro, lugar, proporcionar experiências educacionais e afetivas à criança, o sentido de orientá-la e dirigi-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na condição de educadores, precisamos estar atentos ao fato de que, enquanto não dermos atenção ao fator afetivo na relação educador-educando, corremos o risco de estarmos só trabalhando com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o trabalho da construção do próprio sujeito que envolve valores e o próprio caráter necessário para o seu desenvolvimento integral.

Vale destacar aqui uma afirmação feita pelo cientista político Amando Moreira, quando diz que a afetividade deve prevalecer nas relações humanas de modo geral e na escola em particular:

Isso porque é um lugar onde a criança deposita confiança quanto à pertinência e o conteúdo de seu aprendizado. Se não houver afetividade na transmissão de conhecimento, a criança não se sentirá valorizada e respeitada, e a tendência é que desdenhe das lições que lhes serão passadas. (apud MOREIRA, 2002).

Obviamente isso não significa fazer “vistas grossas” com relação aos erros da criança, pois a advertência segura e equilibrada é justamente uma manifestação das mais importantes da afetividade.

Está, portanto, mais do que evidenciada por estudiosos, pesquisadores e especialistas, a necessidade de se cuidar do aspecto afetivo no processo ensino- aprendizagem, levando em conta que a criança é diferente, cognitiva e afetivamente falando, em cada fase do seu desenvolvimento.

Ao se refletir sobre o papel da afetividade na aprendizagem escolar, verifica-se que são muitos os fatores ligados á relação professor-aluno. É preciso que o educador proporcione um clima agradável para o processo ensino- aprendizagem estimulando seus educandos a pensarem, criarem e se relacionarem de forma harmoniosa e tranquila e transformando o espaço escolar em algo atraente e interessante, bem como relacione o conteúdo com aquilo que a criança já sabe, dando-lhe a capacidade de ampliar a construção do seu conhecimento. O educador precisa ser uma pessoa flexível que compreenda a necessidade dos alunos, uma vez que se verifica que o afeto faz parte do processo de aprender e do desenvolvimento humano; por isso, não há aprendizagem sem afetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. S. Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino-aprendizagem. São Paulo: Cortez, 1993.

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. 1 Ed. 2012.

ALHEIDA, Ana Rita Silva. Emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.

BOSSA, Nadia A. A Psicologia no Brasil: contribuições a partir da prática. 2. ed. Porto alegre: ates médicas sul. 2000.

N. A. Dificuldades de aprendizagem; o que são e como tratá-las. Porto alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

COLL, Cesar; MARCHESI, Avaro; PALÁCIOS, Jesus. Desenvolvimento psicológico e educação. 2 ed. Porto alegre: Artmed, 2004.

COSTAIL, H. F. M. Estágio sensório-motor e projetivo. in: MALTOREY, A. A.; AMEIDA, L. R. de (orgs). Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Layola, 2003.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. in: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Novo dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. 1cd-rom. 1994.

DICIONÁRIO TÉCNICO DE PSICOLOGIA. FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.

MOREIRA, Maria Tereza Marques. Afetividade. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA J. H. B. Freud e Piaget. Afetividade e inteligência. Lisboa; Instituto Piaget, 2001.

M. K. Piaget. Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

RIBEIRO, Vera M. Masagão. Metodologia da alfabetização. São Paulo: Paperus, 1992.

SOUZA, M. T. C. C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In ARANTES V. A. (org.) afetividade na escola: alternativas teóricas e Práticas. São Paulo: Summus, 2003, p. 53-70.

TAILLE, Yves de La. KITOL, Mortha. DANTAS Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Sammus 1992.

VYGOTSKY, ev Semonovich. A evolução psicológica da criança. P. 122, Edições 70. Lisboa, 1988.

WALLON, H. Psicologia e educação da infância. Lisboa, Estampa. 1971

WALLON, H. A evolução Psicológica da criança. Lisboa: Edições 70. 1968.